



MEMÓRIAS DA URBANIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE SÃO MARCOS (MARILÂNDIA, ES, BRASIL):
INTERESSES E CONFLITOS EM UM TERRITÓRIO DE RISCO*

MEMORIES OF URBANIZATION OF THE COMMUNITY OF SÃO MARCOS (MARILÂNDIA, ES, BRAZIL):
INTERESTS AND CONFLICTS IN A RISK TERRITORY

Andressa Maria Rovetta

Universidade Vila Velha, Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais/NEUS (Brasil)
Departamento de Arquitetura e Cidade
ORCID 0000-0002-2895-1604 andressarovetta@hotmail.com

Teresa da Silva Rosa

Universidade Vila Velha, Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais/NEUS (Brasil)
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Cidade
ORCID 0000-0001-6613-5088 tsrosaprof@gmail.com

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Universidade Vila Velha, Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais/NEUS (Brasil)
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Cidade
ORCID 0000-0002-8529-5180 melissa.oliveira@uvv.br

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender as transformações territoriais urbanas na comunidade São Marcos, situada no município de Marilândia, cidade de pequeno porte, localizada na Região Noroeste do Espírito Santo (Brasil). Entende-se que as transformações caracterizam o processo histórico de reintegração do território do Espírito Santo na economia internacional nas últimas décadas. Através de rodas de conversa, proporcionou-se a visibilização das experiências vivenciadas pelos oito sujeitos frente às rupturas relacionadas à ocupação territorial desordenada. A relevância desse estudo reside na contribuição da construção histórica dessa comunidade e na identificação das problemáticas territoriais, apontadas através das memórias evocadas pelos sujeitos na sua relação com o espaço físico do seu entorno.

Palavras-chave: Áreas de risco, vulnerabilidade, transformações territoriais, Marilândia/ES, rodas de conversa.

ABSTRACT

This study aims to understand the urban territorial changes in the São Marcos community, located in the municipality of Marilândia, a small town in the north-western region of Espírito Santo (Brazil). It is understood that these transformations characterise the historical process of reintegrating the territory of Espírito Santo into the international economy in recent decades. Through talking circles, it was possible to visualise the experiences the eight local participants went through in the face of the disruptions related to disorderly land occupation. The relevance of this study lies in its contribution to the historical construction of this community and the identification of territorial problems, pointed out through the memories evoked by the individuals in their relationship with the physical space around them.

Keywords: Risk areas, vulnerability, territorial changes, Marilândia/ES, talking circles.

* O texto desta nota corresponde a uma comunicação apresentado no VI Congresso Internacional de Riscos, tendo sido submetido em 29-09-2023, sujeito a revisão por pares a 17-11-2023 e aceite para publicação em 14-02-2024. Esta nota é parte integrante da Revista *Territorium*, n.º 32 (II), 2025, © Riscos, ISSN: 0872-8941.

Introdução

Este texto deriva de trabalhos de campo desenvolvidos no âmbito de um projeto de extensão bem como de um projeto de pesquisa que têm, como pano de fundo, os seres humanos na sua relação com o seu ambiente, entendendo que, ambos, conjuntamente, compõem a relação sociedade x território. O recorte territorial selecionado é a Região Noroeste do estado do Espírito Santo, mais especificamente, o município de Marilândia, localizado na bacia hidrográfica do Rio Doce. Marilândia está localizada a 163 km da capital Vitória e possui uma área de aproximadamente 310 km² que faz divisa com os Municípios de Linhares e Colatina. A população de Marilândia está estimada em 13 mil habitantes de acordo com o relatório do Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural - PROATER (2020). A comunidade de São Marcos localizada no município de Marilândia foi escolhida como estudo de caso, pelas especificidades dos conflitos políticos, sociais e urbanos inseridos em um território de risco (fig. 1).

Este recorte se justifica pelas transformações ocorridas, principalmente, a partir da segunda metade do século XX e início do século XXI. São mudanças nas dinâmicas socioambientais territoriais, que provocam rupturas na trajetória e na lógica anteriormente existente (Costa Pinto, 1970) nos grupos sociais deste município. Rupturas tais como as relacionadas a ocupação territorial (a segregação socioespacial) ao lado do rompimento da barragem de Fundão das empresas SAMARCO e BHP (no município de Mariana no estado de Minas Gerais) entre outras. Destas rupturas, emergem ameaças e

vulnerabilidades, expondo suas populações a riscos de eventos, em alguns casos, importantes, muito devido aos esgarçamentos dos laços, das tradições, das relações, dos valores fundamentais ao senso de pertencimento e de identidade ao grupo e ao território. Provocadas pelas transformações modernizantes nestas últimas décadas, tais esgarçamentos contribuem para a configuração de territórios em risco.

O objetivo deste artigo é compreender as transformações territoriais urbanas na comunidade São Marcos decorrentes de rupturas como as citadas acima. Para isso, busca-se evidenciar as narrativas evocadas à partir das memórias dos sujeitos, que trazem elementos importantes não só relacionados à “*produção social dos territórios e suas relações constitutivas*” (Acsegrad, 2010, p. 10) como ainda as estratégias individuais e coletivas postas em prática para lidar com as tragédias. Assim, transformações, estratégias, práticas, relações, todo tipo de experiência historicamente construída a partir dos territórios em risco - em geral, desconsideradas pelos discursos hegemônicos de políticas públicas apreendidos como parte de um processo de desterritorialização pelo Estado (Acsegrad, 2010; Haesbaert, 2014) - podem ser trazidas à luz como saberes alternativos em favor de um processo bottom-up de territorialização (Haesbaert, 2014) em áreas em situação de riscos. Parte da identidade dos sujeitos e do território, estas experiências são elementos capazes de serem mapeados e cartografados de modo participativo, dialógico e coletivo, em um processo onde se fazem “*ver e reconhecer em um contexto*” de transformações (Acsegrad, 2010, p. 14).



Fig. 1 - Contextualização da comunidade de São Marcos, Espírito Santo, Brasil (Fonte: arquivo pessoal Andressa Rovetta, 2022).

Fig. 1 - Contextualization of the community of São Marcos, Espírito Santo, Brazil (Source: personal archive Andressa Rovetta, 2022).

A pesquisa qualitativa utiliza as rodas de conversa como forma de coleta de dados e visibilização das experiências vivenciadas pelos sujeitos frente às mudanças territoriais. Assim, o desenho metodológico selecionado proporciona o acesso à informação e saberes locais bem como o seu compartilhamento entre todos os participantes. Esta abordagem se inspira na perspectiva crítica da ensinagem promovendo processos dialógicos, interativos e participativos passando a ressignificar a relação e, por conseguinte, os saberes dos Sujeitos como portadores de uma história individual e socioambiental já percorrida (Anastasiou e Alves, 2005; Correia *et al.*, 2017).

Neste cenário complexo de eventos, que provocam transformações e rupturas nas relações individuais e coletivas com e em territórios em risco, a presente proposta se situa como um projeto-ação de caráter interdisciplinar que pretende contribuir para a formação de cidadãos com poder de negociação nas arenas de governança através de estratégias metodológicas qualitativas capazes de: (1) promover o intercâmbio de conhecimentos e de saberes localmente produzidos pelas experiências vividas pelos sujeitos; (2) motivar a produção conjunta e dialógica de saberes-conhecimentos envolvendo sujeitos e/ou grupos vulnerabilizados. Portanto, o projeto-ação visa, interdisciplinarmente, explorar as experiências cotidianas dos moradores de uma comunidade de pequeno porte, localizada em um território de risco através de suas memórias evocadas com a finalidade de conceber, de maneira dialógica e coletiva, uma cartografia socioambiental e a construção histórica de ocupação territorial de São Marcos.

O diferencial temático desta proposta reside no esforço de trazer à luz os eventos de transformação provocados pela modernização desenvolvimentista vividos e evocados pelos grupos e sujeitos na perspectiva da sua multidimensionalidade, multifatorialidade e temporalidade. E mais, inspirado na abordagem da antropologia da modernidade desenvolvimentista de Escobar (2012), acredita-se que o mapeamento de práticas alternativas de resistência territorial ao desenvolvimentismo enquanto uma “cultura de subjugamento” em áreas consideradas como periféricas a partir da visibilização e da produção dialógica participativa de ferramentas elaboradas pelas populações vulnerabilizadas possa ser um elemento importante para o movimento de redução de riscos de desastres.

Áreas de risco e vulnerabilidade no território do Espírito Santo

As transformações pelas quais passam os territórios brasileiros se revelam como sendo multidimensionais e multifatoriais, em especial, a partir das últimas décadas do século XX quando a expansão capitalista se intensificou através do processo de modernização que se consolida com

a implantação de projetos desenvolvimentistas com suas novas dinâmicas e estruturas produtivas (Ribeiro *et al.*, 2015). Estas transformações se reproduzem localmente nos territórios, em especial, nos urbanos, e passam a compor o cotidiano das comunidades e de suas populações. Muitas vezes, elas ocorrem não tão rapidamente, o que faz com que elas sejam, gradativamente, superadas e/ou incorporadas às experiências de cada cidadão no seu dia a dia. Outras vezes, elas ocorrem repentinamente, trazendo um impacto, em certos casos, considerável para todo o território. Este processo de transformação se caracteriza pela sua complexidade, o que justifica o uso de uma abordagem interdisciplinar para compreendê-lo na sua totalidade.

É neste contexto de transformações territoriais que este projeto de projeto de extensão e de pesquisa se situa no recorte das experiências individuais e coletivas de comunidades vulnerabilizadas pelas transformações provocadas pelo processo de modernização desenvolvimentista em territórios periféricos como é o caso do Espírito Santo (Siqueira, 2010; Ribeiro *et al.*, 2015). Desde a década de 1970, o estado vem experienciando transformações consideráveis, onde o imaginário e a gramática desenvolvimentista é, historicamente, atravessado pela instalação de grandes projetos que se reforçaram no final do século XX e início do XXI com o neoextrativismo (Tschaen *et al.*, 2021). Por conta disso, observou-se uma mudança na dinâmica socioambiental tanto em meio urbano como em meio rural.

De caráter extrativista - industrial - portuária, esta dinâmica pode ser apreendida como sendo um dos fatores da construção social de riscos diversos na medida em que elas “vão promover amplos impactos urbanos implícitos na modernização da economia” (Ribeiro *et al.*, 2015, p. 269), sendo esta voltada para o mercado internacional. Além disso, ela é um elemento do processo de vulnerabilização socioambiental histórico tanto das suas populações, principalmente, de baixa renda quanto de seus ecossistemas. Em conjunto, populações e seus ecossistemas possuem suas próprias lógicas socioambientais (ou ecológicas), com racionalidades próprias voltadas para a organização e o funcionamento de seus elementos. Estas lógicas foram desconsideradas pela gramática da modernização desenvolvimentista neoextrativista desde o início na medida em que promoveu e ainda promove impactos territoriais devido a gramática que se coloca como hegemônica (Escobar, 2012; Santos, 2019). Um olhar mais atento sobre o território espírito santense observa-se uma diversidade de problemáticas socioambientais envolvendo as populações de seres humanos e de outros seres vivos.

Este cenário de transformações e rupturas se evidenciou, em comunidades de pequeno porte (como São Marcos) quando do desastre-crime do rompimento da barragem

de Fundão (Samarco e BHP) citado anteriormente na bacia do Rio Doce (que corta o norte do Espírito Santo), o qual ainda está em curso devido à sua dinâmica multifatorial, multi temporal e multidimensional. Ele exemplifica a incerteza, a insegurança, a singularidade experienciadas pelas suas populações (Milanez e Losekann, 2016; Losekann e Mayorga, 2018; Lampier, 2019), particularmente, nas comunidades já vulnerabilizadas pela gramática hegemônica citada acima. Elas precisam lidar com eventos complexos como o ocorrido ou como o das mudanças climáticas, posicionando a população num patamar expondo a fragilidade da “*própria sobrevivência física... [da sua] condição de ‘viveres’*” (Haesbaert, 2014, p. 154).

Vale mencionar que este desastre-crime ocorreu quando ainda não haviam sido superadas crises anteriores. Em campo exploratório em 2022, a seca dos anos de 2014-2017 atingiu fortemente o estado causando a crise da água em Marilândia. Além disso, foi observado que o território lidava com problemáticas transformadoras que já expunham, localmente, as suas vulnerabilidades. Este é o caso do assoreamento do rio Doce, devido ao uso inadequado do solo em suas margens e em toda a sua bacia. Em 2020, outro evento expôs estas mesmas populações a um novo risco, o de contração de um vírus pandêmico - o Sars-Covid-19 - superpondo-se às vulnerabilidades anteriores. Na contemporaneidade, observa-se, então, a exposição a múltiplas ameaças e riscos que vão sendo experienciadas pelos indivíduos e pela coletividade, sem tempo suficiente para se recompor e reestruturarem adequadamente as relações socioambientais. Estas rupturas e transformações ficam gravadas na memória dos sujeitos e nos registros dos elementos biogeofísicos de seus territórios como verdadeiros marcadores de eventos.

Comunidade de São Marcos

A partir destas informações preliminares sobre o histórico da cidade de Marilândia, passamos ao segundo momento, o da construção da historiografia da Comunidade de São Marcos, recorte geográfico e objeto de estudo desta pesquisa. A fim de alcançar este objetivo, foi dado ênfase à experiência da população de SM, uma comunidade localizada a 5 km da sede do município de Marilândia, estando à beira da rodovia ES 356 que liga a cidade de Marilândia ao município de Colatina (fig. 1). Estima-se que o surgimento da comunidade tenha ocorrido paralelamente ao da sede municipal. Dados documentais historiográficos sobre a comunidade são inexistentes, o que justifica a fundamental contribuição que este trabalho dará no sentido de registrar, mesmo que minimamente, tal processo através das memórias evocadas pelos moradores locais.

A comunidade de São Marcos possui fortes características católicas assim como a sede do Município. A Igreja com o padroeiro São Marcos, que dá o nome ao lugarejo, é o

principal marco arquitetônico do local, de caráter eclético com algumas características góticas, foi construída no ano de 1950. Localizada na parte alta de uma colina a igreja centraliza as principais atividades sociais de SM. Em suas proximidades funcionam certas infraestruturas tais como: a escola municipal, posto de saúde, quadra poliesportiva e uma pequena pracinha, principal ponto de socialização da comunidade. Também é importante registrar que SM possui uma pequena mercearia, uma barbearia, uma padaria, alguns bares e um clube recreativo particular - Fazenda Clube de Marilândia - voltado para atender o lazer da população da sede municipal.



Fig. 2 - Comunidade São Marcos (Fonte: Google Earth, modificado pela autora Andressa Rovetta, 2022).

Fig. 2 - São Marcos Community (Source: Google Earth, modified by the author Andressa Rovetta, 2022).

Segundo consulta feita diretamente à direção do Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto (SAAE) do município em 2022, a comunidade conta com aproximadamente 200 famílias. Captada através de poços artesianos e lançada nas redes municipais que atendem as residências locais, a água não é tratada. O esgoto coletado dos domicílios também não possui tratamento, sendo lançado in natura no curso d'água da comunidade, o rio Liberdade, afluente do rio Doce. As vias que cortam a comunidade possuem pavimentação com blocos sextavados, todas pavimentadas pela administração municipal. As calçadas são muito precárias e quase inexistentes (fot. 1).



Fot. 1 - Ruas de São Marcos (Fonte: arquivo pessoal, 2022).

Photo 1 - Streets of São Marcos (Source: personal archive, 2022).

Estima-se que boa parte comunidade desenvolveu-se a partir de loteamentos irregulares, onde não foram implantadas as infraestruturas básicas necessárias, o que demandou uma posterior intervenção municipal para atender as demandas essenciais das famílias que residiam nesses locais precários. Até mesmo o abastecimento de energia elétrica, só passou a ser completo na comunidade em 2021 quando a gestão municipal atual, através de um acordo com o loteador e o Ministério Público, financiou o abastecimento de eletricidade local.

É preciso destacar que a comunidade de SM “sofre” um grande impacto em 2010, quando as políticas públicas municipais direcionam um alto investimento financeiro na implantação de um loteamento de cunho social. Este loteamento pretendeu responder às necessidades visíveis da população local bem como de toda a população do município em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O abandono desta obra, apenas iniciada em 2010, nos leva a refletir sobre os seus impactos sobre a comunidade, que já se encontrava consolidada na região (fot. 2).

Metodologia

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou as rodas de conversa como estratégia de coleta de dados com a comunidade. A roda de conversa é uma estratégia metodológica recente em ambiente acadêmico quando expandiu-se como prática de geração de dados em pesquisas científicas qualitativas, sendo um momento de reunião de sujeitos orientados a falar e a escutar partindo de uma temática chave, que é de interesse dos proponentes da roda (Lisbôa, 2020; Reginensl *et al.*, 2022). Assim, é um espaço aberto de troca de ideias, de diálogo, de enfrentamentos e de confrontações entre os sujeitos, se revelando em momentos de evocação de memórias tendo como ponto de partida situações vividas de risco, onde os pesquisadores proponentes posicionam-se na escuta empática e acolhedora de narrativas de sentimentos, muitas vezes, de dor e de perda (Losekann, 2018).

As rodas de conversa na comunidade de São Marcos foram realizadas em 3 momentos distintos ao longo do primeiro semestre de 2023 (fot.s 3, 4 e 5), quando os recordadores, moradores mais antigos e atuantes na comunidade, foram convidados. Destes, oito se dispuseram a trazer as suas contribuições individuais, porém este total de sujeitos nem sempre estiveram presentes em todas as rodas devido a compromissos pessoais. O local definido para as reuniões foi a escola de ensino fundamental da comunidade, onde pode-se registrar, através de gravações orais e fotográficas, as discussões acerca das problemáticas locais. Outra estratégia utilizada foram as fotografias antigas da comunidade. O uso de fotografias do passado e do presente inspiram, de forma lúdica, os participantes, incitando-os a reflexão e a discussão sobre as mais diversas temáticas da comunidade. Para auxiliar nesse processo de rememoração, à todos os



Fot. 2 - A localização do loteamento social e a Comunidade de São Marcos (Fonte: autoria própria, 2022).

Photo 2 - The location of the social subdivision and the São Marcos Community (Source: own authorship, 2022).

voluntários, foram solicitadas fotografias antigas para compartilharem durante a roda suas experiências e realidades vividas cotidianamente na comunidade.

Cada uma das rodas de conversa foi dividida em três etapas: abertura, discussão e fechamento. Na primeira etapa, também chamada de momento introdutório, os participantes (recordadores e os pesquisadores) se apresentavam individualmente. A equipe do projeto explica as questões normativas - como lista de presença, autorização de imagem e gravação. E perguntas gerais são feitas aos recordadores, sobre há quanto tempo a família vive na comunidade. Na segunda etapa, ou momento central da roda, é quando as temáticas que são pertinentes a esta pesquisa são abordadas e discutidas pelo grupo. Nesse momento, os pesquisadores utilizam mapas e as fotografias antigas trazidas pelos voluntários e os incentivam através de perguntas-chave a abordarem assuntos que precisam ser explorados, exemplo: identificação das áreas de risco da comunidade, mudanças territoriais de ocupação, problemas/demandas urgentes atuais, condições ambientais da comunidade, memórias de tragédias, catástrofe ou desastre que a comunidade já tenha enfrentado.

Na terceira etapa, ou momento final da roda, são debatidos os anseios diante dos problemas e desafios da comunidade em relação às temáticas apresentadas no debate e suas expectativas futuras. É quando ocorre o fechamento da discussão e o agradecimento final pela disponibilidade em participarem dessa atividade. Na comunidade de SM, durante a terceira roda de conversa com os moradores, foi possível executar um percurso comentado, onde os próprios recordadores conduzem um trajeto estratégico, possibilitando vislumbrar os aspectos identificados nas dinâmicas das rodas anteriores. Em complemento a esta estratégia metodológica, estes sujeitos foram convidados a participarem de uma “conversa” individual (como em



Fot. 3 - Primeira roda de conversa em 25 de março de 2023
(Fonte: arquivo imagético do projeto de extensão).

Photo 3 - First talking circle on March 25, 2023
(Source: image file of the extension project).

uma entrevista) no sentido de trazerem mais detalhes sobre a historiografia local após esta terceira etapa. Os relatos dos que aceitaram o convite estão detalhados no item b da parte dos resultados.



Fot. 4 - Segunda roda de conversa em 17/05/ 2023
(Fonte: arquivo imagético do projeto de extensão).

Photo 4 - Second talking circle on 05/17/2023
(Source: image file of the extension project).



Fot. 5 - Percurso comentado na comunidade em 08/07/2023
(Fonte: arquivo imagético do projeto de extensão).

Photo 5 - Route commented on in the community on 07/08/2023 (Source: image file of the extension project).

Resultados

a) Contra-cartografia da comunidade

O emprego das rodas de conversa tem o propósito de dar voz aos sujeitos. O objetivo é possibilitar a participação da comunidade na efetiva construção do estudo. Durante a condução da roda de conversa, os pesquisadores propuseram aos recordadores-participantes a demarcarem - em um mapa impresso - os locais e as transformações vivenciadas por eles na comunidade de São Marcos. O intuito foi o de construir uma cartografia social, também conhecida como contra-cartografia da comunidade. Diferentemente da primeira e da segunda, durante a terceira roda de conversa, foi proposto aos recordadores de se fazer uma caminhada pela comunidade segundo um percurso conduzido por eles mesmos. Inspirado no percurso comentado (Reginensi e Raposo, 2023). Esta caminhada possibilitou visualizar e fotografar os pontos considerados como estratégicos pelos relatos feitos e mapeados nas rodas

anteriores (rodas 1 e 2). Consequentemente, o trajeto revelou, por exemplo, o que eles consideraram como sendo áreas de riscos, áreas de deslizamentos, área historicamente ocupada pelas famílias mais tradicionais que desbravaram o local, equipamentos comunitários e áreas sociais importantes para a comunidade.

A partir da análise dessas demarcações, apontamentos e a elaboração de mapas mentais feitos pelos próprios recordadores durante o percurso comentado, foi possível, assim, construir uma base de dados através de mapas técnicos demonstrados a seguir. A fig. 3 revela os locais onde os recordadores consideraram como sendo áreas de risco. São lotes urbanos da comunidade que fazem divisa com encostas ou taludes íngremes propensos à deslizamento bem como áreas rebaixadas localizadas em área de preservação permanente (APP) segundo a legislação brasileira. A fig. 4 mostra como os recordadores de SM evocaram sobre os processos de ocupação do território, bem como a linha do tempo dessas transformações territoriais. Com esse mapa, é possível compreender, juntamente com a análise das transcrições das rodas, como o desenvolvimento da malha urbana da comunidade teve um súbito aumento nas últimas duas décadas causado pelo crescimento desordenado narrado pelos sujeitos abordados na parte deste artigo que se segue.

b) Experiências e memórias: evocações históricas do território em risco

As gravações das rodas de conversa possibilitaram, as transcrições, que foram cruzadas com as anotações feitas *in loco* pela equipe de pesquisadores, complementando, consequentemente, o levantamento e a análise dos dados. Sendo assim, a metodologia de roda de conversa permite associar as temáticas de pesquisa com levantamento de dados através do registro oral. A fala de cada recordador traz a sua experiência e percepção individual acerca das temáticas centrais dessa pesquisa. Contudo, revelam, também, um “olhar” sobre as transformações vivenciadas no território cotidianamente enquanto cidadãos que usufruem da sua comunidade para construir suas próprias trajetórias de vida; e, a partir desses relatos pessoais (ou seja, suas memórias), se constrói uma narrativa histórica da comunidade de São Marcos.

Um fato importante observado após o desenvolvimento dos trabalhos de campo em São Marcos, foi o impacto do loteamento social na paisagem local, ocupando a parte mais alta de uma das colinas do entorno da comunidade. O referido loteamento parece não ter considerado o eixo de ocupação orgânica de SM, o que revela para um distanciamento por parte do poder público ao projetar tal

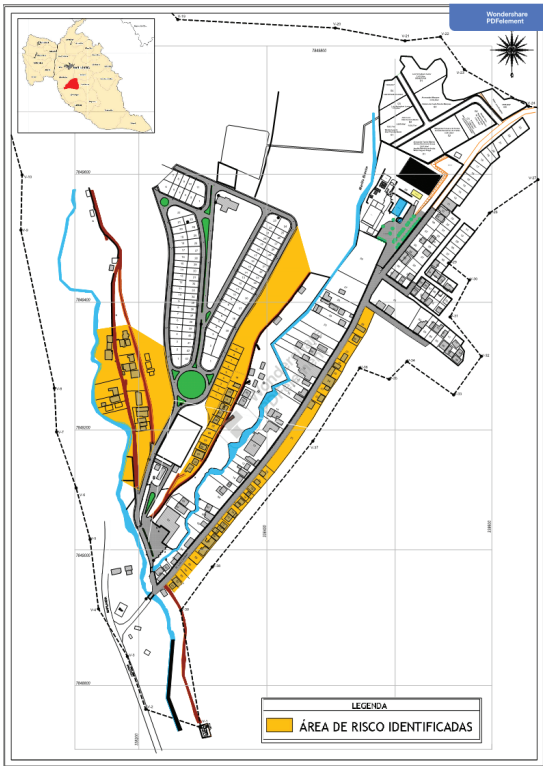


Fig. 3 - Mapa mostrando as áreas de risco de SM segundo os participantes (Fonte: arquivo pessoal Andressa Rovetta, 2022).

Fig. 3 - Map showing SM risk areas according to the participant (Source: personal archive Andressa Rovetta, 2022).

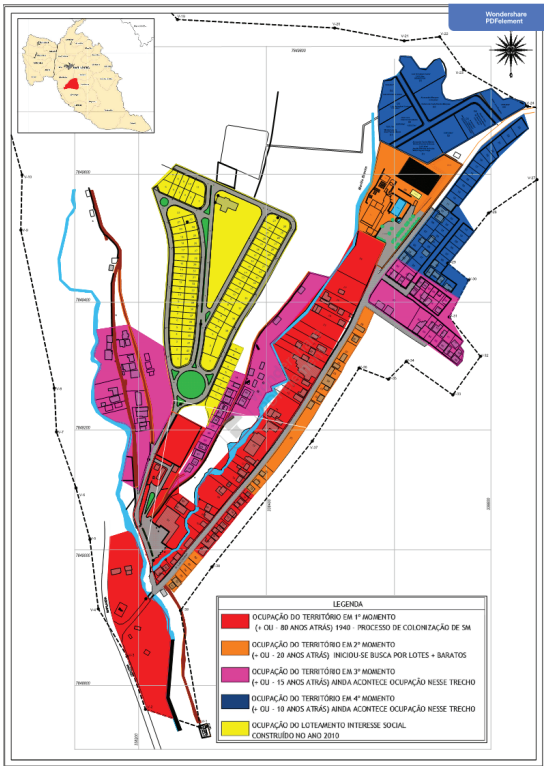


Fig. 4 - Mapa mostrando as etapas de ocupação do território de SM (Fonte: arquivo pessoal Andressa Rovetta, 2022).

Fig. 4 - Map showing the stages of occupation of the SM territory (Source: personal archive Andressa Rovetta, 2022).

empreendimento; além de, não levar em consideração as necessidades de uma comunidade já consolidada, com tradições, história e valores estabelecidos.

Também foi possível construir, com base nas evocações dos recordadores, uma historiografia do como os moradores da comunidade de São Marcos percebem, experienciam ou vivenciam as transformações urbanas ocorridas no seu território. No sentido de aprofundar esta história local a partir das memórias evocadas nas rodas, procurou-se explorar com mais detalhes esta perspectiva histórica. Sendo assim, três moradores se dispuseram a compartilhar suas memórias em uma conversa-entrevista individual.

Salientamos que todos os nomes aqui empregados serão fictícios, buscando, assim, o anonimato de modo a preservar a imagem dos moradores participantes. Além disso, foi feito o termo de consentimento livre e esclarecido de uso de imagem e fala para eles assinarem.

Nascida e crescida na Comunidade de São Marcos, Dona Izabel, hoje aos 80 anos, relata que os moradores da localidade constituíram uma cultura forte, com tradições e eventos católicos. A Igreja com o padroeiro São Marcos, dando nome ao lugarejo, é o principal marco arquitetônico do local, de caráter eclético com algumas características góticas, foi construída no ano de 1950. Nas proximidades desta igreja, ela relata que havia, então, uma venda de secos e molhados pertencente à família Bravin (uma das famílias imigrantes desbravadoras iniciais do município). Era aí onde ocorriam eventos noturnos, os conhecidos bailes e teatros, que movimentavam toda a comunidade, sendo destaque em toda região, atraindo, inclusive, moradores de fora para prestigiar. Segundo ela, os moradores da comunidade dedicavam-se principalmente à agricultura e as famílias residentes deslocavam-se até a sede quando necessitavam de produtos ou serviços que não estavam sendo ofertados pelo comércio local.

Com o passar dos anos, a venda de terras pelos herdeiros, trouxe novos moradores para o local. O êxodo rural impulsionado pelo desenvolvimento econômico e estrutural do centro de Marilândia também proporcionou uma perda significativa da população de São Marcos. Com isso, a comunidade se transforma e começa a ganhar um novo formato. As famílias que permaneceram na comunidade passaram a carecer de mão de obra nas lavouras, principalmente, durante a colheita de café, obrigando-as buscar trabalhadores de outros locais para atender a demanda da região, como Minas Gerais e Bahia. Muitos destes migrantes acabavam criando residência fixa no local juntamente com suas famílias.

Dona Izabel afirma que há uma perda significativa das histórias do local, assim como das tradições italianas que predominavam no período da colonização de Marilândia. Ela acredita que grande parte dessa perda é motivada

pelo deslocamento das famílias tradicionais e a instalação das novas vindas de outros locais com suas próprias tradições. Além disso, Dona Izabel evoca a criação de uma fábrica de caixotes na comunidade que, também atraiu trabalhadores de outras regiões, que ao longo do tempo, foram estabelecendo-se na comunidade.

Outro morador local que divide conosco suas memórias e experiências de vida na comunidade de São Marcos, é o Sr. José. Ele reside na comunidade há mais de 10 anos, assim como sua esposa, vem constituindo sua família graças a um pequeno comércio local. José é uma figura importante na comunidade de São Marcos, pois teve o privilégio de atuar na política municipal como vereador nos anos de 2017/2020. Ele conta que acabou abandonando a política por desmotivação, por não conseguir atender os anseios desta comunidade.

O Sr José descreve que a comunidade de São Marcos possui contraste com a realidade da cidade de Marilândia. De acordo com as memórias evocadas por ele, é nítido que boa parte da camada social menos privilegiada reside em SM, devido principalmente à grande rotatividade de famílias que aí moram de aluguel. Como SM possui muitos imóveis destinados à locação, a comunidade acaba por atrair muitas famílias em estado de vulnerabilidade social. Segundo o Sr. José, das 80 famílias que residem na comunidade, mais de 50 são oriundas de outras localidades do município como de outras cidades. Isso reforça a grande perda da identidade cultural da comunidade apontada por D. Izabel.

Outro fator que chama atenção no testemunho de Sr. José, é que São Marcos parece não ter acompanhado o desenvolvimento acelerado como na sede do município. Marilândia com os atributos de seu núcleo urbano possui avanços no desenvolvimento local, construções verticais e a expressiva característica modernista. Apesar da formação histórica de SM datar da década de 40 acompanhando a formação da sede municipal, esta comunidade inicia o seu desenvolvimento mais tarde com os loteamentos irregulares e sem infraestrutura.

Relacionado ao acesso à infraestrutura urbana, o Sr. José nos conta, ainda que SM não possui água tratada. A água que chega às moradias pela rede municipal é oriunda de um poço artesiano, sem nenhum tipo de tratamento. Ou seja, mais um elemento que alerta para as necessidades reais que a população local carece.

Outra figura de grande importância para a comunidade é a Sra Marta, esposa do Sr. José. Moradora da região há mais de 20 anos. Ela também divide suas memórias de infância conosco, nos contando como era a comunidade de São Marcos na década de 90 e como foram os processos de transformação territorial até aqui. Dona Marta atua como professora e pedagoga na única escola de primeiro grau que recebe todas as crianças da comunidade.

Ela recorda da construção da escola na década de 90, e ressalta que até 2016 sua estrutura atendia bem a demanda da comunidade. A partir desse período, com a transformação da estrutura da população em São Marcos, com um crescimento expressivo, a escola tem hoje duas salas de aula que já não conseguem mais comportar os 40 alunos de 1º ao 5º ano que estudam em horário quase integral. Além disso, a estrutura da escola conta 2 sanitários e cozinha muito precários. O refeitório que existe não atende nem 1/3 das crianças, obrigando-as a fazerem suas refeições nas próprias carteiras estudantis. As crianças não têm um pátio coberto e Dona Marta conta que, durante o verão, o calor excessivo faz com que as crianças sejam remanejadas para a quadra poliesportiva da comunidade situada ao lado, onde elas estudam de forma improvisada devido à falta de espaço físico adequado dentro da escola.

A visita à escola foi feita em uma roda de conversa com professores e serventes presentes, foi nítida a empatia que todos nutrem pelas crianças que frequentam a escola diante do estado visível de vulnerabilidade social que as mesmas se encontram. Dona Marta conta que mais de 20 crianças vivem de forma precária, muitas têm suas principais refeições feitas apenas na escola.

Pelo exposto, fica claro que cada participante traz elementos importantes para a historiografia de São Marcos: escola, política local e história. Numa análise das suas evocações, um elemento comum aos três é a implantação do loteamento São Marcos iniciado em 2011 com o objetivo de atender a demanda de famílias socialmente vulneráveis. Possuindo todas as infraestruturas necessárias para implementação das moradias, este loteamento, no entanto, foi abandonado pela própria municipalidade quando era necessário implantar a energia elétrica no local. A área do empreendimento foi doada por uma família da localidade. A perda da identidade cultural local, o abandono do empreendimento social na comunidade, a falta de atendimento às famílias locais precisando de moradia digna diante da possibilidade de o loteamento ser reativado pela gestão atual aumentando o número de crianças em idade escolar são preocupações apontadas nos testemunhos registrados.

Considerações

O estudo da comunidade de São Marcos possibilitou constituir o que pode ser considerado como um inventário territorial a partir do registro das histórias e das memórias de uma comunidade socialmente vulnerável. As falas, as transcrições e as fotografias obtidas, assim como os mapas produzidos juntamente com os recordadores constituem um acervo de dados que registram a história dessa comunidade com

base nas memórias evocadas pelos seus moradores, as quais permitem caracterizar o território e determinam a sua identidade. Nesse sentido, esta pesquisa contribui para o registro oficial e social da história da comunidade de São Marcos.

A pesquisa evidenciou que os recordadores, apesar das experiências nem sempre “positivas”, apontam e relatam vivências e experiências de superação de dificuldades, o que evidencia formas de resistência às adversidades cotidianas postas pela modernidade, sobretudo por eles permanecerem em áreas de risco. As narrativas deixam transparecer interesses em conflito principalmente entre as demandas da comunidade e a atuação local do poder público, nem sempre, em sintonia. Isso evidencia um distanciamento deste último ator do território São Marcos, constituindo-se em um fator vulnerabilizador e intensificador da segregação socioespacial deste território. O loteamento social entendido como política pública municipal exemplifica este processo de construção social de riscos e vulnerabilidades no território em tela.

Vale ressaltar, ainda, que a pesquisa, sobretudo pelas rodas de conversa que tem o propósito de dar voz aos sujeitos, propiciou aos participantes a oportunidade de refletirem em conjunto sobre o seu próprio território e participarem da efetiva construção do estudo. Isso se remete ao conceito de aprendizagem social, muito inspirada pelo pensamento freiriano, com a emergência da “palavra”, da memória evocada pelos sujeitos-recordadores como sendo chave da transformação social. Neste sentido, os sujeitos foram integrados ao trabalho de campo como sendo “[...] *sujeitos conscientes e capazes de produzir cenários emancipatórios*” (Loureiro e Pereira, 2019, p.4). Assim, influenciado pela abordagem da antropologia da modernidade desenvolvimentista de Escobar (2012), os resultados desta pesquisa podem ter o potencial de impactar positivamente a sociedade e o município na medida em que visibiliza as estratégias endogenamente elaboradas pelos sujeitos locais, participantes das rodas de conversa, para lidar com as questões locais.

A pesquisa traz como resultado a cartografia socioambiental elaborada pelas mãos dos sujeitos participantes e evidencia uma “história” individual e coletiva invisibilizada pela cultura hegemônica da modernidade desenvolvimentista. Ressalta-se ainda que a cartografia social é um produto riquíssimo que pode “*gerar um fomento à organização social e ao combate de certas práticas opressivas*” (Losekann, 2018, p. 16) além de ser utilizada pela população quando e onde acharem adequado, como por exemplo, nas arenas da governança ambiental local voltadas tanto para diminuir as desigualdades socioambientais quanto para mitigar os riscos de desastres.

Tais instâncias são apreendidas como sendo momentos de tomada de decisão política importantes para os grupos e sujeitos, nos quais seus saberes poderão ser reconhecidos pelos outros atores, em especial, os atores hegemônicos. Vale lembrar que estas arenas se caracterizam tanto pelos confrontos de interesses bem como pelos consensos, onde a capacidade de agenciamento e de poder está em jogo de modo a trazer o “outro” para sua esfera de atuação. Acredita-se que, com base em expertise destes sujeitos, haja a possibilidade de desconstrução de estruturas impostas pela gramática hegemônica para que rearranjos alternativos sejam valorizados e valorizem e respeitem as identidades e saberes localmente produzidos de modo a “*criar desdobramentos que minimizem as injustiças*” (Losekann, 2018, p. 19).

O segundo resultado desta pesquisa traz as evocações do território em risco para evidenciar, historicamente, experiências práticas rememoradas durante as atividades propostas entendendo-as como sendo racionalidades, lógicas de ver e atuar na realidade local a partir de seus saberes localmente construídos. Enquanto culturas ou gramáticas alternativas à hegemônica, acredita-se, deste modo, que elas possam reforçar as dinâmicas socioambientais locais através do reconhecimento das experiências enquanto saberes localmente produzidos a partir de processos sociais na sua inter-relação com o território. Estes saberes são, portanto, práticas e experiências alternativas numa perspectiva de “*counter development*” (Escobar, 2012, p. xvii). Historicamente, elas foram e são práticas e discursos desconsiderados e desconstruídos pelos conhecimentos e discursos de atores do desenvolvimentismo modernizante com sua gramática hegemônica atingindo grupos e “*sujeitos em situações de extrema vulnerabilidade ou que contrariam a cultura hegemônica*” (Losekann, 2018, p. 18).

Por fim, esta pesquisa buscou contribuir para que os participantes estejam municiados com saberes - conhecimentos para mais adequadamente se posicionarem nas arenas políticas e em processos de tomadas de decisão que lhes afetem e se referem ao território em que atuam e habitam. A pesquisa pretende ainda que seja possível se colocar em evidência estes saberes local e historicamente construídos em função da valorização das experiências vividas pelos sujeitos e coletivamente em momentos de transformação, de crise, de ruptura, enfim, de desastres.

Agradecimentos

A comunidade de São Marcos - Marilândia, em especial, os Sujeitos co produtores deste estudo e a direção da escola municipal de São Marcos; A FAPES: pelo financiamento “Universal Extensão” para o projeto “Territórios em risco em ações da extensão universitária:

transformações, experiências e memórias de Sujeitos em Colatina e Marilândia (Região Centro Oeste, ES)” e pela bolsa Pesquisadora Capixaba;; Ao CNPq, pela bolsa de produtividade PQ-2.”

Referências bibliográficas

- Acseirad, H. (org.) (2010). *Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ.
- Anastasiou, L. G. C., Alves, L. P. (Org.) (2005). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville, SC: Univille.
- Correia, R. L., Costa, S. L. D., & Akerman, M. (2017). Processos de ensinagem em desenvolvimento local participativo. *Interações*, Campo Grande, v. 18, n. 3, 23-39, jul./set.
- Costa Pinto, L. (1970). *Sociologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, N. O. da (2016). Cartografia social uma ferramenta para a construção do conhecimento territorial: reflexões teóricas acerca das possibilidades de desenvolvimento do mapeamento participativo em pesquisas qualitativas. *Acta Geográfica*, Boa Vista, Ed. Esp. V CBEAGT, 73 - 86.
- Escobar, A. (2012). *Encountering development. The making and unmaking of the third world*. Princeton: Princeton University Press.
- Haesbaert, R. (2014). *Viver no limite: território e multi/ transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Lampier Jr., A. (2020). O desastre da mineradora Samarco: rupturas socioambientais na comunidade ribeirinha de Maria Ortiz (Colatina). In Mello, F. C., Da-Silva-Rosa, T., Mendonça, M. B., Chateauraynaud, F., Debaz, J. (Org.) . *Sociologia pragmática das transformações em diálogo: riscos e desastres no Brasil contemporâneo*. Vitória: Milfontes.
- Lisbôa, F. M. (2020). Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. *História Oral*, v. 23, n. 1, jan./jun, 161-182. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/995/pdf>
- Loureiro, C. W., Pereira, T. I. (2019). Seria possível uma epistemologia freireana decolonial? Da “Cultura do silêncio” ao “Dizer a sua palavra”. *Roteiro*, v. 44, n. 3.
- Losekann, C. (2018). *Desastre na bacia do Rio Doce: desafios para a universidade e para instituições estatais*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

- Losekann, C., Mayorga, C. (2018). *Desastre na bacia do Rio Doce: desafios para a universidade e para instituições estatais*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letras e Imagem.
- Milanez, B., Losekann, C. (2016). *Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letras e Imagem.
- Piccoli, B. P., Santos, D., Nunes, L. A., Dadalto, M. C. (2017). Ribeirinhos do rio Doce: uma cartografia afetiva do desastre ambiental. In Augusto, I. R., Dadalto, M. C., Siuda-Ambroziak, R. (Orgs.). *Subjetividades em trânsito: memória, emoção e-imigração e identidades*. Rio de Janeiro: UNIFAP/ Bonecker.
- PMM - PREFEITURA MUNICIPAL DE MARILÂNDIA (2022). *Marilândia. História*. URL: <https://www.marilandia.es.leg.br/institucional/historia>.
- PROATER (2020). *Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural - Marilândia (2020-2023)*. Vitória.
- Reginensi, C., De Mendonca, M. B., Da-Silva-Rosa, T. (2022). Roda de conversa sobre riscos de desastres associados a deslizamentos na Rocinha (Rio de Janeiro, Brasil): experiências de luta, resistência, saberes e arte. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 60, p. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v60i0.79682>
- Reginensi, C., Raposo, P. (2023). Caminhadas e itinerários entre Rio de Janeiro e Lisboa. Artistas e ativistas urbanos entre sociabilidades e formas de resistir. *Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP* [Online] <http://journals.openedition.org/>
- Ribeiro, L. C. Q., Quintão, L. do Carmo (2019). Modernidade e modernização no Espírito Santo. Vitória: EDUFES, 2015. In: SantoS, B. S. O fim do império cognitivo. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- Siqueira, M. P. S. (2010). *Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória*. Vitória: Grafitusa.
- Tschaen, R., Mello, F. C., Rosa, T. C. S. (2021). Neextractivism and the Samarco disaster: historical construction of vulnerability in Anchieta (ES, Brazil) in a mining-dependency context. *Ambiente & Sociedade* (ONLINE), v. 24, 1-17.